



Quando
o amor se
casou com o
Fisco

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

 ALGORITMO

DO AMOR

Jaime Maria Bayamonde
da Costa Ayala

Registo n.º 345/2020 SIIGAC/2020/970 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your **Heart** © with **Jupiter Editions**®

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tem 760 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

Siga o autor...

@jaimedacostaayala

(...)

«E na Alemanha?» perguntei.

«Na Alemanha é muito tranquilo... É mais ou menos como em Portugal só que pagam 4, 5, 6 vezes melhor. E o custo de vida na Alemanha não está muito longe de Portugal. Ora, se pode ir para o centro da Europa fazer aquilo que gosta, que é estar a trabalhar na sua profissão, a receber 4, 5 ou 6 vezes mais, é claro que a vontade é ir para a Alemanha! A Alemanha gosta muito dos médicos. Aliás, a Alemanha gosta de toda a classe científica em geral. Gosta muito dos psicólogos também. Por isso, é que é um país avançado. E com isto, conseguimos logo ficar com o raio-X do cérebro da Alemanha. A Alemanha está a pensar bem. Se temos de privilegiar classes, num sentido de privilegiar com moeda, pagando ordenados mais altos, nós temos de fazer justamente à classe que permite a nossa evolução, no melhor sentido possível, enquanto humanos dentro da nossa humanidade.» disse Albert.

«Eu naturalmente que concordo com o tio, dentro daquilo que vemos que poderá ser melhor para a humanidade. E aquilo que é melhor para a humanidade é a saúde, a felicidade e a sustentabilidade. Só conseguimos ter boa saúde graças aos médicos. A voz dos psicólogos tem de ser privilegiada para poder chegar ao Governo e legislar, ordenar e executar a felicidade. (...) Sem médicos, psicólogos e biólogos nós temos uma vida pior. Uma vida sem ciência, é uma vida pior.» disse.

«Na Alemanha, precisam muito de médicos e médicos de Portugal são muito bem-vindos, tanto na Alemanha como em todo o lado. O nosso ensino é muito bom. Um dos melhores! No Reino Unido, um médico sabe menos de tudo o que um médico sabe cá, porque no Reino Unido um médico

estuda um caminho muito específico, por exemplo um cardiologista vai saber “só” coisas de cardiologia...» disse Fred.

«Eu não vou fazer a especialidade no Reino Unido... (...) Há imensa competitividade para ficares num hospital... Eu estou fora disso...» voltou a insistir Helena.

«Então queres ficar cá em Portugal, Helena?» perguntei.

«Quero, claro. Eu adoro Portugal! Não queria nada ter de emigrar... Mas se emigrar, será ou para a Alemanha, para a Dinamarca ou para a Suécia... O problema cá em Portugal, são mesmo só os ordenados, que não dá para teres uma boa vida... Porque é claro que eu fui para medicina por vocação, por querer salvar vidas, para poder contribuir para a ciência e humanidade e melhorar a saúde das pessoas... Mas sabemos que é um curso e uma profissão muito desgastante com um elevado nível de responsabilidade... Tu quando vais para Medicina, vais porque queres fazer o bem, mas também queres chegar a casa e ter tempo e dinheiro para ti e sobretudo para a pessoa que amas. Queres ver o mundo com a pessoa que amas. E para isso precisas de dinheiro. Precisas de dinheiro para (...) viajares.» disse Helena.

«E agora com esta história toda do Governo querer prender os médicos ao Serviço Nacional de Saúde e obrigá-los a ficar no público e não os deixar ir para o privado para poderem ganhar aquilo que no público não conseguem, para terem melhor qualidade de vida, não sei muito sinceramente como vai ser...» disse Fred.

«Vou ter de contratar médicos de fora. É o que vai ser! Se Portugal não me deixa contratar médicos especialistas portugueses, porque agora os médicos especialistas depois da especialidade são transferidos para uma espécie de exército, porque o que parece é que voltámos à tropa, é que parece mesmo, então eu vou ser obrigado a contratar médicos estrangeiros. E como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy dizem, se essa ideia mirabolante do Governo, que não tem outro nome, for para a frente, eu vou ter médicos portugueses a receberem muito mal em Portugal e a não conseguirem comprar casas e vou ter médicos estrangeiros a receberem muito bem em Portugal a comprarem as casas que os médicos portugueses não vão conseguir comprar.

Porquê? Porque os médicos estrangeiros não vão estar sujeitos à nova tropa portuguesa. Isto é um escândalo! E como pensam e muito bem *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, se nem os médicos conseguem comprar boas casas, imagine-se quem não for médico... Eu digo, se eu tivesse a vossa idade, eu organizava um evento-protesto!»

«Albert!!!! Ai... Que horror!! Não dê ideias aos miúdos!... Eles têm de estudar! Meninos, apaguem isto que vocês ouviram que o vosso pai disse! Apaguem! Não vos quero metidos em *manifs*!!! Que horror!... Albert, porque estás a dizer isso aos teus filhos?? Não quero que apareçam assim na TV! Que horror!! Albert!... A sério... Nem parece teu...!»

«Os estudantes de medicina deviam todos ir fazer barulho para a porta do Parlamento antes de quererem instalar uma nova ditadura militar aos médicos! Antes disso e antes de chumbarem o aumento dos ordenados dos médicos! Eu é que não tenho a vossa idade e já tenho uma casa no golfe... Uma não... Duas... Jaime, sabe a quanto é que eu comprei a casa de Vale de Lobo? A 200 mil euros... E hoje, sabe a quanto é que eu posso vender? A 10 milhões... Porque tenho estrangeiros que compram por 10 milhões... Mas se eu não tivesse uma casa que posso um dia vender por 10 milhões, organizava eu mesmo um evento-protesto! Um evento-protesto até fica bem de se dizer... Não é nenhuma “manif”, Catharina!... Achas que eu quero os nossos filhos metidos em “manifs”? Não quero! Jaime! Nunca se meta numa “manif”! Que isto com as câmaras, você fica para sempre preso na “manif”... Nunca mais sai de lá...! Não deixe o Fred meter-se em “manifs”!!!... Não vos quero aos dois metidos nem em “manifs”, nem naquelas marchas do orgulho não sei do quê, han?!...»

«Albert!!!»

«Catharina!... Não quero os nossos filhos metidos nessas marchas que eles não são nenhuns maricas para andar a marchar com hormonas ao rubro de bandeira hasteada!...»

«Albert!!! O Jaime vai pensar que estás a falar a sério!... Jaime, o Albert evidentemente que está a brincar... Bom... Mas o Jaime também não participa nessas marchas, pois não?? Não parece nada o género do Jaime...»

«Não, tia.»

«Por mim podem marchar à vontade, ó Jaime!» exclamou Albert, «Mas antes de se porem a marchar nesses orgulhos, eu se fosse a vocês, organizava era o tal evento-protesto... Vocês, médicos, deviam organizá-lo! Se quiserem fazer guerra, tem de ser agora! Está tudo a fazer guerra, tudo a pedir aumentos de ordenados e vocês? Porque não batem também o pé? Batam o pé! Mas batam o pé com estilo e com a mão na anca para não parecer uma “manif” e a vossa mãe não ficar apavorada... Isso não pode ir para a frente!... Não pode! Não pode!»

«Mas se essa “ideia mirabolante” do Governo querer prender os médicos ao Sistema Nacional de Saúde “por determinados anos”, já não bastando os anos da especialidade, for para a frente, eu e o Jaimezinho vamos fazer as malas e vamos ou para a Alemanha ou para a Dinamarca... Porque lá, sabemos que seremos bem-vindos!...»

«Ah...! Vocês também querem ir para a Alemanha ou para a Dinamarca? Boa! Então vamos os 4! Nós, mais o Domi...» disse Helena.

«Vão os 5 para a Alemanha... Com mais o Mathias... (...)» disse Albert.

«Mas fazemos cá a especialidade, Helena. O Maths que vá já. Ele quer fazer agora a especialidade já na Alemanha. Ele que vá. Nós depois, consoante o Governo na altura, logo vemos se emigramos ou não.» propôs Fred.

«E o Jaime?» perguntou Joa.

«O Jaime, o quê?» perguntou Fred.

«Então e o Jaime? Vai ficar em Portugal?»

«Ó Joa, achas? Claro que vou com o teu irmão para onde ele quiser!»

«Joa!!! Então achavas que o Jaime ficava cá e eu ia embora de Portugal sem levar comigo o Jaime? Claro que o Jaime vinha comigo!»

«Então mas tu queres sair de Portugal, Jaime?»

«Eu não quero ir embora de Portugal, Joa! Mas não vou ficar em Portugal se com o meu curso de Direito e com o curso de Medicina do teu irmão nós não pudermos comprar uma casa e não pudermos ter dinheiro para irmos onde quisermos, como é óbvio. Queremos ter a máxima liberdade. O Direito abriu-me os olhos para o mundo. O Direito tem o mundo todo regulamentado. Meteu o mundo todo e a vida das pessoas em códigos. No Código Civil, no Código Comercial, no Código das Sociedades Comerciais, no Código do Procedimento Administrativo, no Código dos Contratos Públicos, no Código Fiscal, no Código Penal... Mas por mais que a minha vida esteja regulamentada num código e por mais que o Direito tenha posto as cascatas, os rios e os oceanos em regimes jurídicos, eu quero poder ver as cascatas e os rios de perto. Escusam de me encomendar os óculos de realidade virtual aumentada para ver as cascatas, os rios e os oceanos que eu não os vou pôr! Quero fazer mergulho nos oceanos. Não quero só ver os oceanos num código. Quero vê-los na vida real. E essa vida real custa dinheiro. Se para ter de fazer esse “mergulho” na vida real tivermos de emigrar, eu emigro com o teu irmão. Por mim, eu não saía de Portugal! Portugal, para mim, é lindíssimo! Uma geografia tão bem recortada! Um clima tão bem temperado! Temos uma Natureza maravilhosa que não para de crescer e florir! A nossa terra é fértil, a terra é boa, a água é boa, o sol é bom! (...) Temos tudo para sermos felizes em Portugal! E eu sou muito agarrado a Portugal...! Quero ver o mundo a partir daqui. (...)

(...)

Vejo as árvores, vejo os prédios, vejo as câmaras, vejo os dados, vejo o Direito, vejo as nuvens, vejo os drones, vejo quem está a pilotar os drones, vejo as andorinhas, vejo quem não liga às andorinhas, vejo as abelhas, vejo quem tem medo das abelhas, vejo as horas do pôr do sol, vejo as fases da lua, vejo quem não tem medo do escuro e não anda no Caminho dos Mochos de lanterna na mão a espantar os pirilampos, vejo a Ursa Maior, vejo Vénus e vejo Jupiter.»

«E também vês (...) o *Jupiter*, de Gabriel Garibaldi, Jaime?»

«Sim, Joa. Também vejo (...) o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi...» ri-me, «Temos colinas muito altas onde dá para ver isto tudo ao mesmo tempo. (...)

há colinas com uma idílica vista aérea que me ensinaram a ver as coisas. Mas, por as ter visto, é que quero ter dinheiro para poder continuar a vê-las, para poder viver. Porque o meu espírito alimenta-se disto. Alimenta-se em ver coisas. E eu tenho de alimentar o meu espírito. (...)

Sempre que o teu irmão vem passar o fim-de-semana comigo (...), nós acampamos... O meu pai proibiu-me de levar namorados lá a casa... Então, nós acampamos...»

«Ai, é? O seu pai proibiu o meu filho de dormir consigo na cama, na casa dele? Pois bem, Jaime... Espero que tenha trazido a tenda que cá em casa também não vão dormir no quarto... Se quiserem podem montar a tenda no jardim... Vai ser isso mesmo! De castigo, hoje vão acampar no jardim! Mas não me leve a mal... Olhe que isto, não é consigo... É com o seu pai...» disse Albert a brincar.

«A sério que o teu pai não deixa o meu irmão entrar em casa?» perguntou-me Joa.

«Não deixa... Mas a minha mãe (...) adora o Fred!»

«Então e eu podia entrar em tua casa?» perguntou Joa, «Não sou teu namorado...»

«Tu podias... Mas o meu pai ia olhar para ti e ia logo dizer que eras o meu novo namorado...»

«Por mim, era o teu novo namorado! (...»

(...)

«(...) Num sistema monetário em que vivemos, alimentar e proteger o nosso espírito tem um preço. E eu, por mais que goste de Portugal (...) eu preciso de alimentar o meu espírito, porque com o corte do cordão umbilical, eu nasci para o mundo do Direito e o mundo do Direito veio acorrentado ao sistema monetário inventando e trazendo para a minha vida real o Direito Bancário e o Direito Comercial. E nesta minha *comercialidade*, eu não quero ver o mundo através de um ecrã... E parece que é preciso ter dinheiro para

podermos partir o ecrã, para podermos sair da *ecrãlidade* para a vida real. Quero poder continuar a ver todos os dias o pôr do sol com o teu irmão, vê-lo às vezes como o vemos nas montanhas (...), no rio em Lisboa, mas, também, quero poder agarrar em mim e no Fred quando quisermos e irmos ver o pôr do sol à praia. Pode ser preciso termos de ter dinheiro para pormos gasolina sintética no carro para irmos à praia, as vezes que quisermos sem poluir.»

«Aqui na herdade, podem ir ver o pôr do sol à praia todos os dias. A pé demoram uma meia hora, de bicicleta uns 10 minutos, de carro 2 minutos.»

«Bem sei, e é um privilégio, tio! Queremos continuar a ver os pôr dos sóis cá em Portugal, mas também os queremos ver no Quénia, em Moçambique, em São Tomé e Príncipe, (...) Também queremos ver as auroras boreais. E ver as auroras boreais custa dinheiro. Custa muito dinheiro. As auroras boreais são muito caras. A Natureza tem um preço. É preciso dinheiro para se ver e para se poder entrar na Natureza. Se o Direito português me deixar descolar (...) tantas vezes que eu e o Fred quisermos para repetirmos a vulcanicidade de São Miguel, eu quero que seja o Fisco português a tributar-me. Ou o amoroso fisco da Região Autónoma dos Açores. Se o Direito português me deixar descolar de Portugal tantas outras vezes que eu o Fred quisermos para vermos e sentirmos a vulcanicidade da Islândia e do Havai, eu quero que seja o Fisco português a tributar-me. Mas se tudo isso só for possível, com o Fred, a partir da Alemanha ou da Dinamarca, então que sejam os seus fiscos a tributarem-nos, porque até com um “confisco” dinamarquês, vale sim e vale assim a pena mudar o GPS para a Dinamarca e dali de Copenhague descolarmos para ver o mundo. Com o teu irmão tenho o coração aberto! Com ele tenho o GPS aberto. O que eu quero, é ver o mundo com ele. E ter uma longa vida com ele.»

«E foi isto... Quando o amor se casou com o fisco! Quando o meu filho Frederick se casou com o fiscalista Jaime! Que bonita história de amor!»

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 16 de setembro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma **Missão** de Paz! Uma Escrita pela Paz!



JUPITER
EDITIONS

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

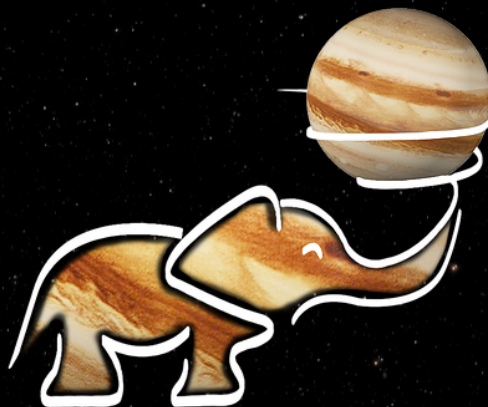
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)